

— Mestra, estou dirigindo, não me distraia — reclama Lu Mingfei, franzindo a testa. — E leve a sério, levei uma eternidade pra arrumar esse penteado. Nuo Nuo solta mais uma risada. A estrada de montanha está deserta, apenas placas de curva iluminadas pelos faróis se repetem em espirais sem fim. Ele dá uma olhada rápida para a garota ao lado: Nuo Nuo com seus cílios longos pousados sobre as bochechas, a cabeça reclinada no encosto, tão serena que até o ronco do motor parece diminuir. Nesse momento, Lu Mingfei não se importaria de dirigir por essa estrada até o céu. Tempo é algo que ele tem de sobra. Na vida passada também teve tempo demais — desperdiçado em varandas de prédios altos esperando o pôr do sol. Um sujeito invisível como ele só tinha uma queixa: horas vazias demais para matar e nenhuma garota por perto. Bem, talvez houvesse uma. Mas ela nunca foi dele. Por isso, agora está ótimo. Melhor que ótimo. Ele precisa mudar aquele final trágico, pensa Lu Mingfei com o coração acelerado. — Irmão, posso dar uma ajudinha? — Uma voz masculina e clara surge do nada. Lu Mingfei dá um pulo e vê Lu Mingze sentado no banco do carona, as mãos apoiadas nos joelhos. — Você não pode aparecer do nada assim? Parece um fantasma, sabia? — ele reclama, girando o volante bruscamente numa curva fechada. — Lembra o que te disseram sobre como conquistar uma garota? Roupas elegantes, música, flores e palavras bonitas — Mingze ignora a reclamação. — A roupa está resolvida (mesmo sendo alugada), você praticou violão dois meses pra música... Quer que eu invente um discurso? — Não, não! Me deixa dirigir em paz, quase caímos lá atrás! — Já que nada disso adianta, que tal eu providenciar as flores? "Mostre-me as flores"... Você sabe como funciona. Só vale por uma hora e apenas esta noite — Mingze sorri. — Boa sorte, irmão. É sua hora de brilhar. [Capítulo 29 - Cena 28: Estrelas e Flores (Parte 3) - Bônus. Sugestão: ouvir "Dias de Sol" durante a leitura] Lu Mingfei sente a raiva ferver. Sem pensar, estica a mão para agarrar o pescoço do irmão — mas não encontra resistência. Percebe então que sua mão está a um centímetro do rosto de Nuo Nuo, que dorme tranquilamente. O calor da respiração dela faz cócegas em sua palma. — Droga, cai na armadilha de novo — ele range os dentes. — Que armadilha? — Nuo Nuo abre os olhos, esfregando-os com os nós dos dedos. — Nada, chegamos. No fim da estrada, um marco de pedra bloqueia a passagem. Lu Mingfei estaciona e acende os faróis altos. O feixe de luz corta o céu como uma espada, revelando o topo da montanha: um platô sem árvores, coberto de grama outonal. Uma nascente forma um lago pequeno, cujas águas transbordam em cascata. Vaga-lumes gigantes sobem pela queda-d'água como estrelas ascendendo. — Que sorte, tem estrelas hoje — murmura Nuo Nuo, espreguiçando-se no banco. — Vamos molhar os pés na nascente? — Ela salta do carro descalça antes mesmo de terminar a frase. Lu Mingfei a segue através do campo, pisando em folhas secas. Os únicos pontos de luz são os faróis do Bugatti e os vaga-lumes. A superfície do lago brilha como prata. Nuo Nuo escolhe uma pedra e senta, notando o olhar curioso do rapaz. — O que foi? — Estava imaginando... — ele admite — que cara você fará ao mergulhar os pés na água. Ela faz careta. — É gelada, tem que ter coragem! Sentados frente a frente, ambos tiram os sapatos. Contemplam-se por um instante antes de mergulhar os pés simultaneamente. O frio cortante invade cada poro, subindo pela coluna. Os dois estremeçam no mesmo instante, mas mantêm expressões neutras — até que um músculo do rosto de cada um trai uma contração involuntária. — Você tá segurando! — acusam ao mesmo tempo, explodindo em risadas. — Aquece depois de um tempo — explica Nuo Nuo, balançando os pés. — Mas esfria de novo. Tem que ir antes disso. — Eu odeio frio — Mingfei encolhe os ombros. — Corajoso você, acompanhando a louca aqui. — Mentira. É o trouxa acompanhando a beldade. — Ei... qual seu tipo ideal? — Ela muda de assunto, fitando a água. — Hã? — Ele coça a nuca. — Não sei explicar... É quando você vê alguém e o coração dá um tranco. Aí sabe que está ferrado. — E o seu? — Se eu gostar de alguém e ele não me irritar, já serve — ela diz com um encolher de ombros. — Só isso? — Ele arregala os olhos. — Acho que não sei gostar de alguém de verdade — Nuo Nuo levanta uma sobrancelha. — Então prefiro escolher quem me cai bem. Nonô chutava a água gelada, fazendo gotas brilhantes saltarem na ponta de seus pés. — Antes, quando lia romances românticos, nunca entendia por que as protagonistas choravam tanto, perguntando coisas como "você me ama?" ou "você mudou de ideia?" — Na verdade, é tudo muito simples — continuou ela. — Se a pessoa gosta de você, vai vir te abraçar e dizer. Se não gosta, não adianta chorar, não é mesmo? Luming Fei não soube o que responder. A família complicada de Nonô havia moldado sua

visão sobre relacionamentos. — Hoje é seu aniversário, né? — ele mudou de assunto. — É. Como você sabe? — Você mesma me contou. Feliz aniversário, shijie. — Recebido — respondeu Nonô, com indiferença. — Mais tarde te dou um presente. — O que vai ser? — ela não resistiu à curiosidade. — Segredo. Nonô fez beijo e se inclinou para olhar o vale abaixo, num ângulo tão perigoso que quase caiu. — Ei! — Luming Fei segurou sua mão. — Se cair, acabou. — Mas os vaga-lumes estão tão bonitos — resmungou ela. — É... — ele concordou, admirando o rio de luzes formado pelos insetos. — Me conta das suas histórias antigas, pra passar o tempo. — Só se você contar também. Pra ser justo. — Tá — Nonô pensou um pouco. — No seu aniversário, eu conto. — Combinado. Luming Fei não sabia há quanto tempo estava falando. De Chen Wenwen para Liu Miaomiao, de Chu Zihang para Zhao Menghua, até que seus pés, antes aquecidos, agora estavam gelados, e ele começou a tremer de frio. — Na verdade, Kaíser já tentou ficar comigo — Nonô disse de repente. — Um dia, do nada, fiquei dando voltas de carro no dormitório, gritando: "Quem vem comigo para Chicago? Quero tanto ir para Chicago!" Aí ele apareceu atirando para o alto e pulou, dizendo que ia comigo. — O quê? — O coração de Luming Fei apertou. — E o que você respondeu? — Claro que recusei — ela falou calmamente, olhando os vaga-lumes. — Gente dramática não é minha praia. — Digo que não me importo, mas no fundo sempre senti que a pessoa certa pra mim está por aí, esperando, do meu lado. — Kaíser é ótimo, mas não é essa pessoa. Ele só me quer porque sou a melhor aluna da Cassell, digna do melhor aluno. Luming Fei ficou em silêncio, olhando a superfície prateada da água. — Vamos, já deu. Meus pés estão congelando — Nonô pulou de pé. — Tá. — Ele também se levantou, batendo as calças. Nonô segurava os sapatos enquanto caminhava à frente. Luming Fei, de mãos nos bolsos e cabeça baixa, seguia atrás. Ela cantarolava uma música suave, e à frente, os faróis do carro brilhavam. — Ainda quero saber o que você vai me dar — Nonô virou de repente. — Se contar, perde a graça. — Mas nunca ganhei um presente de aniversário — confessou ela. — Sério? — ele fingiu surpresa. — Quando criança, era teimosa. Nunca contava meu aniversário, achava que era um segredo. — Nonô olhou para o céu, de mãos nas costas. — Depois entendi que segredo sem compartilhar é sem graça. Se escondo meu aniversário, ninguém me dá presente, mas no fundo eu queria... Só que era orgulhosa demais pra admitir. Ele olhou o relógio: 21h15. "[Mostre-me as flores]" Sussurrou as palavras como um encanto antigo, e do vale ecoou um riso suave, quase diabólico. — Fogos de artifício! — Nonô parou de repente, apontando para o céu. Do vale, fogos subiam como meteoros invertidos, sementes de flores explodindo na escuridão. Pétalas roxas de dente-de-leão, orquídeas azuis caindo em cascata, rosas entrelaçadas de vermelho e dourado, crisântemos brancos... Nunca tinha visto alguém soltar fogos tão luxuosamente, transformando a noite num cesto de flores em segundos. Ao se virar para Luming Fei, viu que ele havia pegado um violão do Bugatti Veyron, apoiando-se no carro. Os primeiros acordes soaram: era "Dias de Sol", de Jay Chou. "No dia que faltei às aulas por você, no dia que as flores caíram, naquela sala de aula... Por que não consigo ver?" Memórias de sonhos inundaram sua mente, imagens fragmentadas emergindo como bolhas, quebrando as barreiras entre dois mundos, despertando com força brutal. Nonô ficou parada, olhando Luming Fei com o violão. Lembrou-se de quando o mandou ajudar no treino de vela do conselho estudantil, quando o fez correr no campo para melhorar o condicionamento, quando pediu um pastel de amora para a madrugada, quando exigiu que ele decorasse seu café: "latte com um cubo de açúcar"... A pessoa que a segurou na água, gritando "Não morra!", que bloqueou a lança voando em sua direção. Rostos borrados ficaram nítidos, sobrepondo-se até se tornarem o garoto que agora cantava para ela, sorrindo. — Então era você... — murmurou. Mas Luming Fei não ouviu. Continuou cantando. "Era uma vez, alguém que te amou por tanto tempo... Mas a chuva foi crescendo, afastando os dois. Mal tive mais um dia pra te amar, mas no final, você ainda disse adeus." Um silêncio breve, até que o último foguete subiu, explodindo no auge do céu. Sobre um fundo dourado, cores vibrantes — roxo, verde-água, azul, branco-lua, amarelo — formaram palavras no firmamento.